



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**O túmulo do soldado desconhecido: O caso brasileiro no Monumento Nacional dos mortos da Segunda Guerra Mundial**

**Angela Maria Matos Lima**

**BRASÍLIA- DF**

**2023**

**Angela Maria Matos Lima**

**O túmulo do soldado desconhecido: O caso brasileiro no Monumento Nacional dos mortos da Segunda Guerra Mundial**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito básico para a conclusão do curso de história

**Orientador:** Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho

BRASÍLIA- DF

2023

**Angela Maria Matos Lima**

**O túmulo do soldado desconhecido: O caso brasileiro no Monumento Nacional dos mortos da Segunda Guerra Mundial**

Trabalho de conclusão de curso submetido à comissão examinadora abaixo identificada, como requisito para a conclusão de curso de Licenciatura em História da Universidade de Brasília (UnB).

Brasília-DF, 29 de novembro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

André Pereira Leme Lopes (UnB)

Wilson de Oliveira Neto (UNIVILLE)

Bruno Leal Pastor de Carvalho (UnB)

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo examinar a simbologia do túmulo do soldado desconhecido. Para isso, analiso o túmulo do soldado desconhecido no Monumento Nacional dos mortos da Segunda Guerra Mundial, onde, este lugar de memória torna-se personagem primordial na construção de uma tradição cívica no pós-guerra. Desta forma, o uso da imprensa carioca das décadas de 1950-60, foram analisadas, de modo a elucidar o processo de construção do túmulo do soldado desconhecido no Brasil, ao qual, todavia, não se estabeleceu enquanto símbolo nacional.

**Palavras-chaves:** Monumento; Segunda Guerra Mundial; Memória; Soldado desconhecido.

**Abstract:** This paper aims to examine the symbolism of the tomb of unknown soldier. For that, I'll be analyzing the tomb of the unknown soldier in the National monument for the dead of the second world war, where, this place of memory becomes a primordial character in the construction of a civic tradition in the post-war period. In this way, the use of the Rio de Janeiro press from the 1950s-60s were analyzed in order to elucidate the process of construction of the tomb of the unknown soldier in Brazil, which, however, did not establish itself as a national symbol.

**Keywords:** Memorial, Second World War, Memory, Unknown Soldier.

# O túmulo do soldado desconhecido: O caso brasileiro no Monumento Nacional aos soldados mortos na Segunda Guerra Mundial

Angela Maria Matos Lima<sup>1</sup>

Em 1960, na cidade do Rio de Janeiro, quatro anos após o início de sua construção, o Monumento Nacional dos Mortos da Segunda Guerra Mundial foi inaugurado depois de muitas promessas, na região do Aterro do Flamengo, zona sul da cidade. Era um esforço das autoridades públicas em rememorar os soldados mortos no conflito da campanha brasileira na Itália. Apesar de não ser o único monumento destino a celebrar os “pracinhas”, ele é o único que dispõe os restos mortais dos combatentes brasileiros.



Imagem I: Monumento Nacional dos mortos da Segunda Guerra Mundial. Fonte: Aditância do Exército junto à embaixada do Brasil na Itália.

Como parte do projeto, o monumento contém um túmulo dedicado ao “soldado desconhecido”. Ele está localizado na parte superior do monumento, onde brilha de forma

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Brasília (UnB).

permanente uma pequena chama, simbolizando a força e a vida daquele soldado que, como tantos outros, embora não possa ter sido identificado, deu a vida pela nação.

O túmulo do soldado desconhecido não é uma particularidade do monumento do Rio de Janeiro. Ele está presente em vários outros ao redor do mundo. O efeito desolador provocado pela magnitude dos conflitos mundiais intensificou a adoção de novas práticas de rememoração dos mortos. Dentre elas, surgiu no pós-Primeira Guerra Mundial, a figura de um soldado anônimo caído em batalha. Uma vez que se tornou impossível identificar sua identidade por meio dos restos mortos, esse “soldado desconhecido” assumiu uma função simbólica: ele é uma forma de homenagear os soldados tombados e não reconhecidos e as dezenas de vítimas feitas pela Guerra. Estudar este lugar de memória e a sua capacidade simbólica nos permite pensar nas transformações ocorridas nas sociedades desoladas pela perda, bem como na sua capacidade como símbolo Nacional.

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial reflete em uma perda de jovens de forma exponencialmente menor do que nos países europeus, entretanto, o Brasil não possui apenas um túmulo do soldado desconhecido, mas sim dois, sendo um localizado no Monumento Nacional e o outro no Monumento Votivo Militar Brasileiro em Pistóia, na Itália.

O objetivo deste artigo é compreender a simbologia do túmulo do soldado desconhecido como local de memória nacional e o de refletir sobre seu impacto enquanto materialização da morte na guerra. Para isso, meu caso de estudo será o túmulo do soldado desconhecido presente no Monumento Nacional dos mortos da Segunda Guerra Mundial.

### **Às transformações no tratamento dos mortos de guerra**

O impulso pelo individualismo nas sociedades modernas proporcionou mudanças nos ritos fúnebres durante o período da Primeira Guerra Mundial. O emprego de novas armas promoveu a destruição do corpo do soldado como nunca se vira antes: corpos dilacerados, irreconhecíveis e sem qualquer possibilidade de identificação cadavérica. Surge, então, a necessidade de mudanças ao manejo dos cadáveres dos soldados caídos em combate.

A força das guerras modernas provocou diferentes sentimentos do estar diante da morte, e do morrer na guerra. Não era incomum que os corpos dos soldados desaparecessem durante os confrontos, mas a recorrência com que isso passou a acontecer durante a

Grande Guerra era inédita. A falta de um sistema que garantisse com maior precisão a identificação dos combatentes proporcionou inúmeros desaparecimentos, permitindo desta forma a criação de um dos símbolos das guerras modernas, *o Soldado desconhecido*.

A necessidade de nomear esses soldados tombados e não identificáveis (estamos falando de uma época anterior aos métodos de identificação de DNA e arcada dentária) permitiu a possibilidade de rememoração dos falecidos por seus familiares, as honrarias por parte do Estado nacional e tornou mais aceitáveis, por parte da opinião pública, a morte deste indivíduo.<sup>2</sup> Desta forma, uma das mais significativas partes do rito da morte, a sepultura, passa receber um tratamento diferenciado. Anteriormente ao conflito mundial, o procedimento adotado era de um sepultamento coletivo, na qual os cadáveres eram empilhados em valas comuns<sup>3</sup> e, raramente, ocorria o traslado dos seus restos mortais.<sup>4</sup> A partir do século XX, o sepultamento em covas individuais e nomeadas demarcados por cruzeiros e placas improvisadas, fincadas pelos companheiros de combate, não só permitiu que ao final do conflito fosse possível a ocorrência dos ritos fúnebres necessários, bem como o traslado para suas comunidades de origem.<sup>5</sup>

A repatriação dos combatentes mortos foi tópico de diversos debates durante e no pós-guerra na França. Os parentes e amigos desejavam o retorno dos seus entes queridos mortos, a fim de enterrá-los nas suas comunidades de origem. E, em contrapartida, a crença de que os mortos deveriam permanecer em seus locais de falecimento, fez com que as autoridades francesas proibissem o traslado, já existia no período um temor das autoridades que tal ação provocasse desânimo e afetasse a moral dos soldados que

---

<sup>2</sup> Segundo Piovezan, a necessidade de justificar os mortos tornou imprescindível que os enterros ocorressem de forma nomeada e individual, não sendo mais admitidos enterros coletivos e anônimos. Pois, o número de mortos na Primeira Guerra Mundial, traz consigo o aumento da consciência da individualidade de cada combatente. Isto é, apesar da morte em uma escala jamais vista, o valor da vida passa a ser enfatizado. Em outras palavras, é justamente devido à grande perda de vida no conflito que se exige que os mortos sejam lembrados na sua individualidade.

<sup>3</sup> Apenas aqueles que eram generais oficiais recebiam sepulturas nomeadas e individuais.

<sup>4</sup> PIOVEZAN, Adriane. **Morrer na guerra: a sociedade diante da morte em combate**. Editora CRV, 2017.

<sup>5</sup> Muitos dos mortos, apesar da individualização do seu enterro, ainda assim, não conseguiam retornar aos seus familiares e as suas comunidades.

continuavam em ação,<sup>6</sup> tal como o interesse no conflito, afinal “a ausência de corpos é mais fácil justificar matar e morrer”.<sup>7</sup>

Outro fator contribuiu para a proibição: a logística envolvida em repatriar os soldados falecidos. Por ser demasiadamente complicado, muitos dos corpos haviam desaparecido nos campos de batalha devido às disposições dos conflitos. Não era incomum que as sepulturas, feitas de maneira improvisada, se perdessem no meio dos confrontos,<sup>8</sup> como também o impacto gerado pelos armamentos utilizados acabará por desintegrar alguns soldados, que terminavam com membros misturados na lama das trincheiras, dificultando, portanto, a procura pelos mortos.<sup>9</sup>

Financeiramente, os custos eram excessivamente alto para o serviço de busca e traslados dos soldados. Nem todos podiam custear pelo serviço, e devido à proibição no período, surgiu de maneira paralela um mercado que oferecia serviços de exumação, transporte, identificação e traslados dos cadáveres. Não era atípico que nesse tipo de serviço ocorressem fraudes, como esse também era um serviço já proibido pelo governo central francês.<sup>10</sup>

Todavia, a pressão política e social dos comprometidos em reenterrar os mortos nas suas localidades de origem fez com que o governo francês ao final da guerra revesse a proibição do traslado dos mortos. Até porque a proibição não havia inibido o comércio e aos mais empobrecidos havia apenas sobrado a fúria pela incapacidade de custeio do serviço, já que o serviço de traslado era caro, como também a visitação dos túmulos nos cemitérios erguidos nos locais dos confrontos.<sup>11</sup>

Em 1920, o governo francês então expediu um decreto “que estabelecia o direito das famílias de reclamar os corpos dos seus entes queridos e enviá-los para casa, às expensas do Estado. Demorou mais de um ano para organizar a burocracia, os procedimentos, e o

---

<sup>6</sup> Segundo Neil Hanson, em termos de propaganda da guerra, não era benéfico que ocorresse o retorno dos corpos dos soldados mortos, pois já era chocante o suficiente a quantidade de soldados que haviam regressado e ocupavam os leitos dos hospitais com ferimentos graves, existia à tentativa das autoridades de ocultar da população o impacto negativo da guerra. Entretanto, mesmo assim era impossível o ocultamento da presença de mulheres que vestiam luto, atestando dessa forma a alta mortandade do conflito.

<sup>7</sup> HANSON, Neil. **The Unknown Soldier**. Lume books, London, 2019, local. 298, tradução nossa. No original: "in the absence of the corpses, it is easier to justify death and killing".

<sup>8</sup> *Ibid.*, 2019.

<sup>9</sup> PIOVEZAN, 2017.

<sup>10</sup> PIOVEZAN *apud* WINTER, 2017, p.40.

<sup>11</sup> PIOVEZAN, *op.cit.*, 2017.



transporte necessário, mas, a partir de verão de 1922, cerca de 300.000 mortos da grande Guerra, de fato, foi para casa”.<sup>12</sup> Este não foi um processo livre de complexidades. Recorrentemente havia conflitos entre os familiares na hora de reivindicar os falecidos, principalmente entre mães e as esposas viúvas,<sup>13</sup> sem contar a dificuldade em localizar os restos dos mortos, bem como os seus túmulos.

Diferentemente do governo francês, os ingleses optaram pela permanência dos soldados mortos em seus locais de enterro, proibindo desta forma qualquer tentativa de traslado dos restos mortais até meados da década de 1960.<sup>14</sup> Desta forma, em 1916, após o departamento de guerra britânico autorizar, foi criada o *War graves Commission* organização responsável pelo recolhimento, identificação e por enterrar os combatentes mortos em cemitérios, concentrando os milhares de mortos em uma mesma localidade.<sup>15</sup>

As comissões responsáveis por tal serviço se tornaram essenciais para identificação dos soldados, sobretudo, durante a Segunda Guerra Mundial. O Brasil, por exemplo, contou com um pelotão de sepultamento durante a sua participação na Campanha da Itália na Segunda Guerra Mundial. A base do seu manual e os procedimentos foram inspiradas no *Graves Registration*, organização estadunidense responsável pelo recolhimento, identificação, enterramento e por comunicar as famílias sobre o falecimento do parente morto em combate.<sup>16</sup>

Outra medida implementada para identificar os soldados surge a partir da criação das *Dog tags*, as conhecidas chapas de identificação – as pequenas medalhas que os soldados usam no pescoço, sempre muito presentes nos filmes de guerra.<sup>17</sup> No decorrer da Primeira Guerra Mundial, a adoção das chapas ocorreu de maneira lenta, todavia, o processo de identificar os soldados ainda encontrava dificuldades, mesmo com o seu uso, sobretudo pelo alto grau de destruição das armas utilizadas. Durante o período dos entreguerras o processo de identificação foi se aperfeiçoando, de uma placa de identificação os soldados

---

<sup>12</sup> PIOVEZAN *apud* WINTER, 2017, p.41.

<sup>13</sup> PIOVEZAN, 2017.

<sup>14</sup> HANSON, 2019.

<sup>15</sup> Ver a respeito, *Commonwealth War Graves*. Disponível em: <https://www.cwgc.org>.

<sup>16</sup> PIOVEZAN, *op.cit.*, 2017.

<sup>17</sup> Geralmente os materiais utilizados na fabricação das chapas era o metal, ou processado através do emprego de celulose, ou utilizavam o couro (Piovezan, 2017).

passaram a utilizar uma adicional como garantia maior de serem identificados.<sup>18</sup> Além disso, países como os Estados Unidos passaram a recolher o registro odontológicos de cada soldado recrutado, tornando-se prática padrão durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>19</sup>

Aos mortos que voltaram, alguns acabaram por não serem enterrados nos cemitérios locais, em alguns casos ocorriam a não reivindicação dos cadáveres pelos parentes, ou a incapacidade de localizarem os familiares, sendo assim, os restos mortais dos soldados eram direcionados pelas autoridades para cemitérios militares. À vista disso, muito dos cemitérios adotaram uma política de padronização dos túmulos. Para Neil Hanson,<sup>20</sup> a padronização desses túmulos tinha um simbolismo óbvio, a individualidade dos jovens soldados e suas mortes passam de interesse familiar a interesse nacional, afinal de contas suas vidas foram perdidas em nome da nação e do seu dever para com a sua pátria.

### **A figura do soldado desconhecido**

Entre os diferentes símbolos das guerras modernas, a figura do soldado desconhecido se tornou proeminentemente uma das mais emblemáticas. O efeito catastrófico dos conflitos mundiais no século XX proporcionou o não retorno de dezenas de jovens soldados para casa, e uma massa enlutada.

O anonimato do soldado permitiu que as homenagens prestadas fossem em nome do coletivo, e não apenas do individual. Silva Correia<sup>21</sup> argumenta que o processo de secularização das sociedades modernas faz com que surgisse a necessidade de elevar ao púlpito público a figura de um herói capaz de conciliar e regenerar a crença na nação.<sup>22</sup> Por conta disso, a figura do soldado desconhecido se torna simbólica, pois ele, sintetiza o significado de morrer por sua pátria, tornando-se assim o perfeito exemplo de cidadão, mais do que isso, ele se torna uma entidade em função da nação.

---

<sup>18</sup> O padrão do procedimento adotado consistia em: uma das placas sempre era enviada ao *Graves Registration*, enquanto a outra placa permanecia com o soldado. Posteriormente, se falecesse, permanecia no seu cadáver caso fosse enterrado isoladamente. No caso de sepultamentos em cemitérios regulares, a chapa era fixada no topo da cruz do túmulo assinalado.

<sup>19</sup> PIOVEZAN, 2017.

<sup>20</sup> HANSON, 2019.

<sup>21</sup> CORREIA, Sílvia. **Entre Heróis e Mortos: políticas da memória da I Guerra Mundial em Portugal (1918-1933)**. 1. Ed. Rio de Janeiro: 7 Letras: FAPERJ, 2015.

<sup>22</sup> *Ibid.*, 2015.

A ideia de heroísmo e nação se tornam simbióticas nesse caso, pois “a função do herói cruza-se com identidade coletiva e o uso político da memória, revelando valores fundadores e constituindo um patrimônio ideológico. O herói é, nesse pressuposto, o “garante” da salvação do destino nacional e o messias necessário. A crença no futuro.”<sup>23</sup> Isto é, o culto desta figura, configura-se por sua capacidade de acalantar aos enlutados que foram incapazes de cumprir os ritos de passagem, ou seja, de enterrar e prestar homenagens aos que pereceram, bem como renovar os ideais patrióticos.

Primordiais na criação do soldado desconhecido, a França e a Inglaterra tornaram-se pioneiras na nova modalidade de rememoração dos mortos não identificados da guerra. Ao longo da Europa, nos anos posteriores a Primeira Guerra, túmulos dedicados ao soldado desconhecido passaram a proliferar-se no continente.

Celebrando o armistício de Compiègne, escolhido dentre quatro corpos desenterrados do campo de batalha inglês na frente ocidental, o soldado desconhecido inglês<sup>24</sup> eleito a partir de marcadores de identificação de sua nacionalidade, foi cortejado por viúvas, órfãos, mães aos redores de Londres, até o seu destino na Abadia de Westminster. O cortejo ao soldado tinha um valor de:

união e a representação de todos os ingleses, desde viúvas, mães, esposas, pais, irmãos, filhos, amputados de guerra, veteranos desempregados, soldados enterrados em lugar não identificados, deficientes ou desaparecidos e ainda de toda a Comunidade Britânica. É que o soldado que ali fora enterrado poderia ser um ente querido que desaparecera e cada um olhava para o túmulo com a mesma adoração. Por ali passaram mais de milhão e meio de pessoas num curto espaço de tempo, desde simples cidadãos, veteranos de guerra às dezenas de milhares, incluindo mutilados, uns sem pernas, outros sem braços, simplesmente para homenagear o seu camarada de armas<sup>25</sup>

Ao prestarem suas homenagens ao soldado anônimo caído, suas passagens eram registradas à medida que depositava ao seu caixão coroas de flores aos montes. Em certo ponto foi necessário que retirassem de tempos em tempos, para dar lugar a outras, prática que se mantém até os dias atuais.

---

<sup>23</sup> CORREIA, 2015, p.279.

<sup>24</sup> O sepultamento de um soldado desconhecido inglês foi uma ideia do capelão David Railton militar voluntário em serviço no Corpo Expedicionário Britânico em França. A princípio havia o receio de que a ideia repercutisse de maneira negativa, afinal, o contexto social inglês, era o de alto desemprego e um alto número de incapacitados da guerra. Entretanto, a ideia acabou por ser colocada em prática após o êxito da criação do cenotáfio utilizado na parada militar do dia 19 de julho de 1919.

<sup>25</sup> SIMÕES, Manuel Santos. **A Grande Guerra de 1914–1918 e a invenção de uma tradição cívica. O culto do Soldado Desconhecido.** 2014. Tese de Doutorado, p. 64.

Ao analisar o Poilu Inconnu francês, Jean-Yves Le Naour<sup>26</sup> entende que perante a era democrática, as homenagens em nome de grandes líderes nacionais, não satisfaz ao desamparo provocado pela perda nas trincheiras, tornando o sacrifício do soldado desconhecido em uma divindade nos tempos modernos. A sua identidade passa a ser celebrada justamente por sua condição ordinária. Cria-se um vínculo de solidariedade entre os vivos e os mortos<sup>27</sup> de tal maneira que o seu desconhecimento passa a ser conhecido, isso é, o soldado desconhecido passa a ser celebrado e identificado como pertencente a um todo.

Os debates em torno do local do túmulo do soldado desconhecido na França geraram grande comoção entre a classe política e entre a população.<sup>28</sup> Inicialmente, existia a intenção de enterrar o soldado no Panthéon, entretanto, as associações de veteranos opunham-se ao local, dessa forma, o Arco do Triunfo acabou-se por ser o local escolhido. A escolha do Arco do Triunfo tinha um peso maior para os franceses. Construído a mando de Napoleão, em comemoração as suas vitórias militares. Sua escolha de receber o soldado desconhecido, parecia adequada para acomodar toda a grandiosidade que representava o soldado. Então, no dia 11 de novembro de 1920, um dos oito combatentes desenterrados dos locais na frente ocidental, foi escolhido e celebrado numa cerimônia pública. Ao Poilu Inconnu, foi dedicado um cortejo fúnebre, e seu caixão, acompanhado por mutilados, uma viúva, uma mãe e um órfão, chegou ao seu destino aos sons de canhões. A princípio sepultado na capela do Arco, apenas no dia 28 de janeiro de 1921 foi transferido para o túmulo.<sup>29</sup>

Posteriormente, em 1923, um dos símbolos tão significativos quanto o próprio soldado foi adicionado ao túmulo, a chama eterna. Representando todos os mortos de guerra, a chama aos sobreviventes mantém viva a lembrança do sacrifício dos mortos, ela se renova e se funde num gesto cotidiano partilhado por compatriotas.<sup>30</sup> Os símbolos, os ritos evocam a contínua lembrança dos que partiram. Para Correia:

o soldado desconhecido vem responder de forma ainda mais eficaz à necessidade de superação da ruptura e do trauma, recalçando tradições europeias

---

<sup>26</sup> LE NAOUR, Jean-Yves. **Le Soldat inconnu: la guerre, la mort, la mémoire.** (No Title), 2008.

<sup>27</sup> PIOVEZAN, 2017.

<sup>28</sup> LE NAOUR, *op.cit.*, 2008.

<sup>29</sup> SIMÕES, 2014.

<sup>30</sup> CORREIA, 2015.

precedentes, familiares e homogêneas, criando a representação de uma cerimônia espetacular e completamente “inédita” que compensasse as perdas.<sup>31</sup>

Ou seja, a sua força se imprime de tal forma, que o túmulo, a chama, a guarda de honra, a inscrição da lápide, cumpriria seu propósito enquanto símbolo nacional, exercendo deliberadamente uma novidade da complexa invenção da identidade nacional.<sup>32</sup> O soldado desconhecido, apesar do seu anonimato, mobiliza a perda coletiva, ele é aquele que lutou por ideais de liberdade e defesa dos seus compatriotas, portanto, sua morte deve ser sentida por todos, dessa forma, retira-se o aspecto da perda do nível íntimo, ou seja, do núcleo familiar, e o transporta ao nível nacional. Os chefes de Estado prestam suas homenagens, pois sua existência proporciona respeito à soberania do Estado.

O aspecto do soldado anônimo mobiliza também a imaginação dos escritores. Obras literárias surgem em celebração a sua figura, criando assim, outra vertente de rememoração dos soldados mortos da Grande Guerra, ampliando o laço de solidariedade entre os vivos e os mortos. Em março de 1921, Alfonso Lopes Vieira, o poeta português, criará o poema “Ao Soldado Desconhecido (Morto em França)”. Destaco o trecho abaixo:

[...] Receba-te somente  
Um silêncio tão fundo  
Que pareça que religiosamente  
A vida parou no mundo:  
E que neste silencio vão tombando  
Para a face da terra  
As lagrimas que forem borbulhando  
Por ti- a maior victima da Guerra! [...] <sup>33</sup>

É notável o forte impacto gerado pela figura do soldado desconhecido, mesmo em países onde as consequências da Primeira Guerra Mundial produziram um menor número de vítimas, a tradição do sepultamento de um combatente anônimo converte-se

---

<sup>31</sup> CORREIA, 2015, p.281.

<sup>32</sup> HOBSBAWN, Eric. **A invenção das tradições**/ organização de Eric Hobsbawm e Terence Ranger: tradução de Celina Cardim Cavalcanti. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

<sup>33</sup> VIERA, Alfonso Lopes. **Ao soldado desconhecido (morto em França)**,1921.

culturalmente como forma legítima da rememoração dos mortos, para além da figura do soldado e o seu local de repouso, e reapropria-se sua morte em função da memória da Guerra.

### **A rememoração dos soldados brasileiros mortos em combate**

As formas, o concreto, o mármore são formas encontradas pelas sociedades marcadas pela guerra e por conflitos de caráter traumatizantes de recordar. Os monumentos, dentre os símbolos criados pela cultura da guerra, surgem como esforços de construção de locais repletos de valores e significados.<sup>34</sup> Suas formas espaciais concentram no seu aspecto estilístico e artísticos um instrumento de propaganda oficial de criação de uma memória coletiva.<sup>35</sup>

Em seu sentido original, o monumento, termo do latim *monumentum* derivado por sua vez de *monere* (“advertir”, “lembrar”). Ou seja, é aquilo que lembra alguma coisa.<sup>36</sup> Neste sentido, Françoise Choay, define o monumento como:

chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória [...] ele a trabalha e mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente.<sup>37</sup>

Desta forma, os monumentos atuam de maneira a conjurar uma relação com um tempo vivido e com a memória.<sup>38</sup> Para Pierre Nora, a existência dos locais de memória possui uma razão fundamental, a da permanência no tempo. O seu objetivo, segundo Nora, seria o de “bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial”.<sup>39</sup> Sua existência consiste na sua capacidade de transformar-se ao longo do tempo, ou seja, a sua estrutura apesar de se manter estagnada,

---

<sup>34</sup> FIGUEREIDO, Olga Maria. **Monumento e memória no espaço urbano carioca: O exemplo do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial**. Albuquerque: revista de história, v. 3, n. 5, 2011.

<sup>35</sup> CORREIA, 2015.

<sup>36</sup> CHOAY, Françoise, 1925-**A alegoria do patrimônio** / Françoise Choay; tradução de Luciano Vieira Machado. 3.ed. - São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

<sup>37</sup> *Ibid.*, 2006, p.18.

<sup>38</sup> *Ibid.*, 2006.

<sup>39</sup> NORA, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

é passível de se modificar a partir dos significados que esses recebem, sendo eles, completamente imprevisíveis.

O objetivo de construir um local de abrigo aos restos mortais dos soldados brasileiros mortos em combate nos permite pensar a construção do túmulo do soldado desconhecido e os sentidos atribuídos a sua existência. Para isto, é importante entender o processo de construção e das decisões tomadas na tentativa de estabelecer uma memória oficial da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Dito isto, a construção do Monumento Nacional aos Soldados Mortos na Segunda Guerra Mundial se estabeleceu como um local de memória por excelência. Inaugurado no ano de 1960, na cidade do Rio de Janeiro, o monumento erguido aos “pracinhas” não é o único esforço estabelecido de materializar a participação do Brasil na guerra, outros monumentos também foram construídos dedicado aos combatentes da FEB.<sup>40</sup> Entretanto, o monumento nacional se torna diferenciado: ele é o único que dispõem dos restos mortais repatriados dos soldados brasileiros mortos.

Durante quatro anos, a cidade do Rio de Janeiro conviveu com a construção do monumento e as mudanças ocorridas na rota do Aterro do Flamengo. Pensada no estilo modernista, a construção estava em compasso com as opções arquitetônicas adotadas pelo Estado brasileiro no período, sendo o monumento também uma das últimas grandes obras realizadas no Rio de Janeiro como Capital Federal.<sup>41</sup>

O desejo de construir um monumento dedicado aos combatentes brasileiros surgiu anterior ao próprio retorno dos mesmos ao país, sendo de fato quase efetivado a partir de um concurso de maquetes realizado em 1945, cujo vencedor foi o artista plástico e arquiteto Edgar Duvivier. Porém, a falta de verba impossibilitou que tal obra fosse realizada.<sup>42</sup>

Com o decreto de 10 de outubro de 1952 se estabeleceu a criação a Comissão de repatriamento dos mortos do Cemitério de Pistóia. Liderado pelo marechal Mascarenhas

---

<sup>40</sup> Segundo Mauad e Nunes, no Brasil somam-se em todo território um total de 109 monumentos dedicados aos soldados brasileiros participantes da Segunda Guerra Mundial.

<sup>41</sup> MAUAD, Ana Maria; NUNES, Daniela Ferreira. **Discurso sobre a morte consumada: Monumento aos Pracinhas**. In: KNAUSS, Paulo (Org.). cidade Vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro. (Rio de Janeiro]: Sette Letras, 1999.

<sup>42</sup> *Ibid.*, 1999.

de morais, os planos de construir um monumento com capacidade de guardar os despojos daqueles que pereceram na Itália foi finalmente colocado em prática. Para Ana Maria Mauad e Daniela Nunes, o papel do marechal circunda dois aspectos:

O primeiro destaca a morte como um fato cívico, posto que o mesmo comandante responsável pela saúde e segurança da tropa é também aquele que tem a missão de enterrá-los, de devolver à terra natal os corpos dos heróis que a defenderam, mesmo longe dela. Já o segundo diz respeito à construção de uma memória pública sobre a morte ocorrida na guerra, um fato histórico de nação, não de pessoas. Daí o papel do comandante ser determinante na sua construção, por ser ele o único com a competência de testemunha isenta e participativa para narrar os fatos vividos e tornados lembrança.<sup>43</sup>

As autoras ainda acrescentam a construção do monumento como símbolo do fechamento do ciclo e da partida e do retorno da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, consumando, desta maneira, a morte que até então fazia parte apenas do mundo simbólico. Sendo assim, o túmulo do soldado desconhecido no monumento torna real por meio das formas que adquire a representação do sacrifício civil. Pois:

O túmulo/signo comprova soberania do simbólico sobre o real. O indivíduo só morre nos rituais, é o que nos diz os africanos. Sem a demarcação simbólica não há morte. Portanto, o cadáver se encontra à mercê da escrita. E a lápide irá assegurar a cessação da vida, ela institui o marco de um fim. A morte no simbólico é mais real que a morte real.<sup>44</sup>

À vista disso, a construção do monumento nacional dos mortos da Segunda Guerra Mundial tem seu início em 1952 com o decreto de repatriamento dos despojos dos mortos na guerra. Entre as deliberações do decreto inicialmente constava apenas com a construção de um mausoléu, um museu e o túmulo do soldado desconhecido.

Nos anos subsequentes, a comissão de repatriamento se tornou responsável pela escolha do local de construção – o Aterro do Flamengo- e por formar uma subcomissão encarregada pela seleção do projeto arquitetônico, dessa forma, se iniciam o processo de construção do monumento.<sup>45</sup>

A princípio, o local escolhido para comportar o Monumento, depois das avaliações da comissão e do engenheiro Hermínio de Andrade e Silva indicado pela prefeitura para auxiliar na escolha do terreno, foi Ponta do Calabouço, porém, logo perceberam que o local não era apropriado para receber a obra. Desta forma, o local doado pela prefeitura

---

<sup>43</sup> MAUAD; NUNES, 1999, p.76.

<sup>44</sup> DE OLIVEIRA, Lenise Grasielle. **Da inscrição ao apagamento: memória e morte**. Memento, v.1.n. 2009, p.9.

<sup>45</sup> MAUAD; NUNES, *op.cit*, 1999.



foi a área em frente à praça Paris.<sup>46</sup> No dia 28 de junho de 1955 é efetuado a doação por meio de decreto assinado pelo prefeito, cumprindo, desta maneira, uma das etapas da construção do monumento nacional.

Ao mesmo tempo, a subcomissão formada se encontrava a cargo de elaborar o edital do concurso promovido para escolha do projeto arquitetônico. O processo de seleção acaba por selecionar em 1956 o projeto dos arquitetos Marcos Konder e Hélio Ribas Marino. A escolha pelo projeto dos arquitetos correspondia todas as expectativas da comissão, pois, a construção do monumento consistia em um espaço de memória representado pela grandiosidade e pelo distanciamento.<sup>47</sup> Sendo assim, a construção tem efetivamente seu início no começo de 1957.

Entretanto, o projeto possuiu algumas — poucas — interferências políticas contrárias ao repatriamento dos despojos dos mortos. Contudo, é importante ressaltar a presença do Marechal e sua força política durante o processo de construção, afinal é a sua presença que permitiu que a obra ocorresse conforme o desejado. O fragmento abaixo exemplifica sua participação como líder a frente do projeto. Segue abaixo:

[...] O Sr. Mem de Sá, que pedira a rejeição da parte do projeto estabelecendo transferência dos despojos dos “pracinhas” mortos na Itália para o Brasil, desistiu de sua iniciativa, em face de uma carta que lhe foi endereçada pelo marechal Mascarenhas de Moraes. Alegava em sua carta o antigo comandante da FEB que a guarda dos despojos no Brasil, constitui uma aspiração das famílias dos “pracinhas” [...] Também o líder da Maioria revelou haver recebido idêntico apelo do marechal Mascarenhas de Moraes, se bem que considerasse, como o representante gaúcho, que a manutenção do cemitério de Pistóia daria repercussão internacional e permanente à bravura e ao patriotismo de nossos soldados.<sup>48</sup>

Dotados de significado, os monumentos concretizam e permitem compreender a cultura do material da Guerra.<sup>49</sup> Suas formas espaciais são impregnadas pela marca da memória e por valores, como também exercem uma função pedagógica.<sup>50</sup> Para Correia:

A compreensão dos monumentos como parte integrante da religião civil é central. Estes não são um fenômeno exclusivo da I Guerra Mundial. A sua natureza tem origem na formação dos Estados-nação e na concomitante necessidade de criação de “exércitos nacionais”: a legitimação pública das novas ordens

---

<sup>46</sup> MAUAD; NUNES, 1999.

<sup>47</sup> *Ibid.*, 1999.

<sup>48</sup> O Jornal. **Monumento aos pracinhas. Amparo à família e ao trabalho através do crédito profissional.** Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1958, p.3.

<sup>49</sup> CORREIA, 2015.

<sup>50</sup> FIGUEREIDO, 2011.

políticas emergentes exigia que ao exército de cidadãos fosse dada a merecida homenagem, sobretudo aos seus destacados heróis (hierarquicamente identificados).<sup>51</sup>

Isso é, os monumentos cumprem a função de criar, envolta da morte militar na guerra, um sentido de sacrifício e heroísmo em nome da pátria. Desta forma, o túmulo do soldado desconhecido se torna o local sagrado da identidade nacional<sup>52</sup> no pós-Primeira Guerra Mundial. Sua função não é apenas a de honrar os mortos na guerra, mas de dar sentido para aqueles que pereceram de forma anônima, para isso sua identidade é unicamente referente a sua nacionalidade, moldando, desta maneira, o soldado desconhecido em elo simbólico entre a nação e a morte individual,<sup>53</sup> como já discutido.

Em contrapartida, os monumentos surgidos após a Segunda Guerra Mundial ganham outros significados: deixam de estar circunscritos a celebrar e recordar a morte militar na guerra como legitimador da pátria, passando a serem marcados pela ausência. Ou seja, os memoriais construídos dizem respeito a perda da vida humana, não mais em combate, mas em razão de uma sistemática política de genocídio ocorrida durante o conflito. Isso é, a função pedagógica dos memoriais passa a ser um lembrete daquilo que não deve se repetir. Todavia, o Monumento Nacional aos Mortos na Segunda Guerra Mundial, por outro lado, ainda depende da morte militar como aspecto de maior importância na construção de uma identidade e memória nacional.<sup>54</sup>

Portanto, apesar do projeto do monumento tenha como principal objetivo homenagear os combatentes que pereceram em combate, ele também proporciona uma homenagem aos ex-combatentes que voltaram com vida para o Brasil, apesar, do tratamento direcionados aos vivos. Pois, à medida que o tempo foi se passando, a lembrança dos pracinhas foi caindo no esquecimento. Afinal, a inserção social dos ex-combatentes foi repleta de dificuldades, principalmente pela pouca assistência ofertada pelo Estado brasileiro.<sup>55</sup>

---

<sup>51</sup> CORREIA, 2015, p. 328.

<sup>52</sup> FIGUEIREDO *apud* KATTAGO, *op.cit.*, 2011.

<sup>53</sup> *Ibid.*, 2011.

<sup>54</sup> *Ibid.*, 2011.

<sup>55</sup> FERRAZ, Francisco. **A guerra não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Londrina: EDUEL, 2012.

Francisco Ferraz argumenta que a pouca capacidade de exercer pressão política, devido aos restritos números de veteranos comparados aos países europeus e Estados Unidos, restringiu aos ex-combatentes brasileiros exercerem maior poder de negociação. De fato, a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi atravessada a princípio por desconfiança da capacidade da força brasileira em combater o nazifascismo na Europa. Isso é, a pouca mobilização dos brasileiros em responder ao chamado por voluntários em integrarem ao exército da FEB reflete nos poucos mais de 25 mil soldados-cidadãos que combateram na Itália. Enquanto ao processo de desmobilização, este aconteceu de modo rápido, pois, o perfil do grupo de combatentes era composto por brasileiros da classe trabalhadora, ou seja, soldados que não se encontravam no exercício de militares profissionais.<sup>56</sup>

O desamparo dos ex-combatentes se tornou nos anos de construção uma questão, pois se tornou irônico homenagear aqueles que pereceram em combate, enquanto os sobreviventes tornaram-se um grupo desassistido pelo Estado. Nas palavras da imprensa carioca do período: “Felizes os que tombaram na Itália: Enquanto se eleva aos mortos de Pistóia um monumento que custará 115 milhões, centenas de pracinhas mergulham na miséria.”<sup>57</sup>

A também rarefeita participação dos ex-combatentes no projeto do monumento se projeta na sua forma arquitetônica, seus contornos dizem bem mais sobre a instituição das forças armadas do que aos próprios expedicionários. Dessa forma, as forças armadas se tornam os sujeitos fundamentais, pois os fatos históricos são exclusivamente militares, e aos indivíduos restam homenagens.<sup>58</sup> Ou seja, se presta homenagens aos indivíduos, mas estes não são os protagonistas da história, este papel se torna exclusivo a instituição militar. O monumento se dedica aos pracinhas, mas não o torna dos pracinhas. Pois:

A construção do Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial corrobora a ideia de que os militares advogaram para si o dever de guardiães do passado e da memória nacional. Portanto, há que se compreender o monumento como um discurso militar sobre a morte, conferindo a ela um conteúdo cívico, que se define na relação sociedade civil-forças armadas, onde “dar a vida pela Pátria” significa não somente morrer por ela, como também “viver” por ela.

---

<sup>56</sup> FERRAZ, 2012.

<sup>57</sup> O jornal. **Felizes os que tombaram na Itália**. Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1959, p.5.

<sup>58</sup> MAUAD; NUNES, 1999.

Uma vida pública, dentro da ordem, da disciplina, da hierarquia, da unidade.  
Vida pública, sinônimo de morte pessoal.<sup>59</sup>

Portanto, a desmobilização dos vivos é permeada pela carência de amparo, enquanto, aos mortos, parece existir uma tentativa de mobilizar as suas figuras, incluindo o soldado desconhecido, de modo a criar uma tradição cívica reforçada a partir da experiência da morte em combate. Para Piovezan, o monumento é criado para concentrar em sua estrutura um local de memória coletiva aos mortos, esperando desta forma que ocorresse o fortalecimento da identidade nacional, entretanto, o monumento falha em seu propósito, pois o:

projeto não exerceu, entretanto, esta empatia com a população local e nem com os turistas. No período posterior à inauguração, diversas autoridades compareciam às cerimônias de homenagens e comemorações à memória dos ex-combatentes. Nos últimos 20 anos tais eventos com toda evidência são de caráter puramente interno.<sup>60</sup>

Tal argumento põe em perspectiva o símbolo do soldado desconhecido brasileiro e sua existência. Não é incomum ao pesquisar sobre o soldado desconhecido surgir notícias atuais referentes a visita de autoridades brasileiras aos túmulos no exterior,<sup>61</sup> entretanto, nos últimos anos poucas ou quase nenhuma são referentes ao soldado brasileiro desconhecido.

Logo surge a questão, por que construir um túmulo ao soldado desconhecido no Brasil? A prática de construção de um túmulo que disponha os restos mortais de um soldado desconhecido se tornou uma das formas adotadas pelos países que participaram da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, por este motivo, é possível que por conta de tal prática o Brasil também tenha decidido construir um. Contudo, o seu diferencial do rito fúnebre dedicados ao soldado inglês e Francês, uma vez que, no Brasil, o sepultamento do soldado desconhecido é acompanhado da também repatriação dos restos mortais dos demais pracinhas tombados na Itália.

O repatriamento dos despojos mortais dos soldados brasileiros ganhou no período grande destaque na imprensa carioca. Todo o processo de repatriamento foi acompanhado

---

<sup>59</sup> MAUAD; NUNES, 1999, p.92.

<sup>60</sup> PIOVEZAN, 2017, p.247.

<sup>61</sup> “Em Sófia, Dilma colocou uma coroa de flores com as cores da bandeira brasileira no túmulo do soldado desconhecido, no primeiro ato de uma visita de dois dias à Bulgária.” Ver em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2011/10/cerimonia-oficializa-chegada-de-dilma-bulgaria>.

desde da formação da comissão de repatriamento dos mortos do Cemitério de Pistóia, formada em meados de agosto de 1960 mês da inauguração oficialmente do Monumento Nacional aos mortos da Segunda Guerra Mundial,<sup>62</sup> até a conclusão de repatriamento das cinzas em dezembro do mesmo ano.

A comissão de repatriamento dos mortos do cemitério de Pistóia foi composta por oficiais das forças armadas e pelo então presidente da associação de ex-combatentes no período.<sup>63</sup> Formada a comissão, se inicia a trajetória da comissão com a sua partida para Itália nos meses posteriores à inauguração do monumento. De maneira conjunta, as autoridades brasileiras e italianas conduziram o remanejamento dos soldados de seus túmulos, acompanhado de homenagens prestadas pelas autoridades italianas e pela população da região. Diz o *Diário de notícias*:

celebrada uma missa por monsenhor Longo Dorni, bispo de Pistóia, que foi assistida por todas as personalidades presentes. Em seguida, o soldado desconhecido foi conduzido para o meio da praça onde lhe foram prestadas homenagens. Uma viúva de guerra italiana ofereceu à missão brasileira uma urna contendo terra do cemitério de San Rocco e as cinzas das cruzes que marcavam os túmulos dos soldados.<sup>64</sup>

Logo após o fim das solenidades, a comissão e as urnas seguiram em direção a Roma, de modo a receberem as últimas homenagens em solo italiano. No curso da trajetória seguido das urnas funerárias, a comissão de repatriamento necessitou fazer uma rápida parada em Lisboa devido a um acidente aéreo ocorrido em Portugal. Os dirigentes afirmaram no período para imprensa que o estado das urnas era pouco preocupante, pois poucas urnas haviam sido danificadas, mas não o suficiente para maiores transtornos.<sup>65</sup> A comissão fez a sua última parada antes da sua chegada ao Rio de Janeiro. Em busca das últimas quatro urnas à comissão chega a Pernambuco. Nem todas as urnas correspondiam aos despojos mortais dos combatentes mortos na Itália, dentre as 466 urnas, apenas 462 eram de pracinhas anteriormente sepultados no cemitério militar de Pistóia, as outras

---

<sup>62</sup> O Monumento Nacional aos Mortos na Segunda Guerra Mundial foi inaugurado oficialmente no dia 5 de agosto de 1960, a cerimônia contou com a participação do presidente da república e representantes políticos, além dos integrantes da comissão de repatriamento. Contudo, apenas no dia 22 de dezembro acontece a cerimônia do traslado dos despojos dos soldados mortos na Itália, incluindo a do soldado desconhecido.

<sup>63</sup> Diário de notícias, Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1960.

<sup>64</sup> Diário de notícias. **Pracinhas deixam Pistóia e iniciam volta a Pátria.** Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1960.

<sup>65</sup> O Jornal, 13 de dezembro de 1960.

urnas correspondiam a marinheiros mortos na segunda guerra, anteriormente sepultados na ilha de Noronha (PE).<sup>66</sup>

No dia 22 de dezembro, após dois dias de visitação aberta ao público na câmara federal, as 466 urnas, saídas do palácio Tiradentes, foram levadas em cortejo até seu destino final. O cortejo seguiu pela avenida Presidente Vargas, onde em silêncio cerca de trinta mil pessoas, familiares dos mortos, oficiais das forças armadas e ex-combatentes acompanhavam as urnas. Ao chegarem à avenida Rio Branco milhares de papéis picados foram jogados por onde passavam as urnas. O resto da cerimônia é reportado pelo *O Jornal*:

As 17:10 horas as bandas militares do Exército executaram os hinos nacional e da FEB, exatamente no momento em que chegaram as urnas. Os canhões dos fortes de Copacabana, Leme, Duque de Caxias, Lajes, Barão do Rio Branco, Santa Cruz e Imbui dispararam, cada um, uma salva de 21 tiros [...] a deposição das urnas começou quando o marechal Mascarenhas acompanhado de um ex-combatente em traje civil, conduziu a do Soldado desconhecido até o local em que se encontrava o presidente Kubitschek, que, por sua vez, juntamente com um soldado da FEB, depositou-a na cripta.<sup>67</sup>

Ao discursar para as pessoas presentes na cerimônia, o presidente Juscelino Kubitschek chamou atenção parte do seu discurso ao afirmar “o Brasil precisava dos mortos como exemplo para os vivos”.<sup>68</sup> Ou seja, os mortos são apropriados para rememorar o ato de bravura performados pelos brasileiros ao lutarem em nome da liberdade e da democracia, base dos discursos políticos proferidos durante a solenidade.<sup>69</sup>

Escolhido dentre quatorze soldados não identificados,<sup>70</sup> o soldado desconhecido brasileiro pouco ocupa a imaginação brasileira. É sintomático que ao se referir ao túmulo do soldado desconhecido no Brasil, a imprensa dedique o espaço de uma nota de rodapé. Ou seja, o interesse não é apenas depositado na figura do soldado anônimo: ele é parte integrante da história da participação do Brasil na Guerra. Sendo assim, parte da atenção

---

<sup>66</sup> Diário de notícias, 21 de dezembro, 1960.

<sup>67</sup> O Jornal. **Brasil precisava dos seus mortos como exemplo para os vivos: JK no monumento.** Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1960, p. 1.

<sup>68</sup> *Ibid.*, 1960.

<sup>69</sup> O Jornal, Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1960.

<sup>70</sup> Diário de notícias, Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1960.

da imprensa brasileira no sepultamento do soldado desconhecido reside no aspecto cerimonial da sua existência enquanto parte do conjunto dos que morreram na guerra.

Para Piovezan, as cerimônias de repatriamento seguem um ritual de uma nova representação de luto, na qual é realizada uma tentativa de reaproximação entre os mortos e a comunidade que o irá receber. Embora, o traslado dos mortos brasileiros já fosse um empreendimento desde o início, as palavras do marechal na cerimônia refletem uma vontade de tornar acessível aos familiares enlutados, e para o povo, a possibilidade de presenciar “um dos marcos decisivos da evolução política do Brasil e da defesa das consagradas liberdades do mundo”.<sup>71</sup>

Contudo, a participação da população ficou circunscrita apenas ao papel de expectadores, em contrapartida, isso reflete na intensa participação das forças armadas na cerimônia. Desta forma, à medida que o processo de desmobilização dos ex-combatentes foi acontecendo, se tornou possível perceber a carência de amparo ofertado aos expedicionários, como a sua também pouca participação na construção de uma memória da Guerra no Brasil.

A mobilização da figura do soldado desconhecido acaba por falhar em estabelecer um vínculo com a sociedade civil. Sua figura se torna meramente representativa da participação do Brasil no conflito armado. Em outras palavras, a escolha pela construção do túmulo do soldado desconhecido reflete na seleção, que se faz, do que comemorar. Pois “comemorar significa, então, reviver coletivamente a memória de um acontecimento considerado ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade, constituindo-se no objetivo principal.”<sup>72</sup>

Privilegia-se, desta maneira, pensar na participação do Brasil na guerra, a partir do escopo da sua integração ao cenário global como uma nação que segue a cartilha da defesa da liberdade. Sendo assim, o soldado desconhecido é visto como parte do ponto final do capítulo que encerra a campanha travada pelo Brasil na Segunda Guerra Mundial. Ou seja, ele engloba na sua figura a trajetória fechamento do ciclo da ida e da volta dos

---

<sup>71</sup> O Jornal, Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1960.

<sup>72</sup> SILVA, Helenice Rodrigues da. " **Rememoração**"/comemoração: as utilizações sociais da memória. Revista Brasileira de História, v. 22, p. 425-438, 2002, p.432.

combatentes brasileiros. Sua importância reside na sua capacidade de sintetizar a coragem e a luta por liberdade e democracia, entretanto, a sua força não se imprime enquanto elo entre os vivos e os mortos, e tão pouco consegue se estabelecer como parte do panteão de símbolos na construção da identidade nacional no Brasil.

### **Considerações finais**

Os esforços de rememoração dos mortos no Brasil perpassam pelo uso da morte como ferramenta de criação de uma memória coletiva da guerra. O soldado desconhecido no escopo dos grandes conflitos no século XX se torna símbolo do elo entre os mortos e os vivos. A perda em face do impacto gerado por esses conflitos submete as nações a procura por uma solução em virtude da regeneração do elo interrompido entre sociedade e nação. Desta forma, a figura do soldado desconhecido se transforma em um símbolo da religião cívica, pois, este incorpora em si a imagem do sacrifício e do heroísmo em função da nação.

Contudo, para o Brasil, o soldado desconhecido não consegue estabelecer um vínculo longínquo. Sua existência pouco consegue permear o imaginário nacional. Sendo o próprio monumento um local de memória, na qual, se concentra a história da instituição das forças armadas e pouco sobre os indivíduos que foram a guerra. Parte da falha em estabelecer o vínculo, decorre devido ao processo de desmobilização que se optou no país. Sendo assim, a figura do soldado desconhecido no Brasil se converte como mero detalhe no esforço de criação de uma memória nacional da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, simbolizada pela própria construção do Monumento Nacional aos mortos da Segunda Guerra Mundial.



## **Fontes de Imprensa**

— O Jornal (RJ)

— Diário de notícias (RJ)

— O jornal do Brasil (RJ)

## **Referências bibliográficas**

CORREIA, Sílvia. Entre Heróis e Mortos: políticas da memória da I Guerra Mundial em Portugal (1918-1933). 1. Ed. Rio de Janeiro: 7 Letras: FAPERJ, 2015.

CHOAY, Françoise, 1925-A alegoria do patrimônio / Françoise Choay; tradução de Luciano Vieira Machado. 3.ed. - São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

FERRAZ, Francisco César Alves. A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000). Londrina: EDUEL, 2012.

FIGUEIREDO, Olga Maria. Monumento e memória no espaço urbano carioca: O exemplo do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial. Albuquerque: revista de história, v. 3, n. 5, 2011.

HANSON, Neil, The Unknown Soldier. Lume books, London, 2019.

HOBBSBAMM, Eric. A invenção das tradições / organização de Eric Hobsbawm e Terence Ranger; tradução de Celina Cardim Cavalcanti. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MAUAD, Ana Maria; NUNES, Daniela Ferreira. Discurso sobre a morte consumada: Monumento aos Pracinhas. In: KNAUSS, Paulo (Org.). Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro. (Rio de Janeiro]: Sette Letras, 1999.

LE NAOUR, Jean-Yves. Le soldat inconnu: la guerre, la mort, la mémoire. (No Title), 2008.

DE OLIVEIRA, Lenise Grasielle. Da inscrição ao apagamento: memória e morte. Memento, v. 1, n. 1, p. 9-16, 2009.

PIOVEZAN, Adriane. *Morrer na guerra: a sociedade diante da morte em combate*. Editora CRV, 2017.

NORA, Pierre et al. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração” /comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, v. 22, p. 425-438, 2002.

SIMÕES, Manuel Santos. *A Grande Guerra de 1914–1918 e a invenção de uma tradição cívica. O culto do Soldado Desconhecido*. 2014. Tese de Doutorado.

### **Declaração de Autenticidade**

Eu, ANGELA MARIA MATOS LIMA, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “O túmulo do soldado desconhecido: O caso brasileiro no Monumento Nacional dos mortos da Segunda Guerra Mundial” foi integralmente redigido por mim, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

*Ângela maria matos lima*

Brasília, 29 de novembro de 2023.